EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM DIÁLOGO

Texto 3:
Pretagogias: Educação infantil antirracista

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM DIÁLOGO

Texto 3:

Pretagogias: Educação infantil antirracista

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Vanessa Cândida Lourenço
Edneia Gonçalves

TEXTO:

Elly Bayó

PROJETO GRÁFICO:

Thais Regina

REVISÃO DE TEXTO:

Fernanda Silva e Sousa

ação educativa

SETA
SISTEMA DE EDUCAÇÃO POR UMA TRANSFORMAÇÃO ANTIRRACISTA

APRESENTAÇÃO

Eles combinaram de transmitir, nós combinamos de construir
Conversando com Pretagogias: Educação Infantil antirracista de Elly Bayó

Educadora das infâncias atuante na rede pública há décadas, Elly Bayó nos convida a observar as construções diárias desenvolvidas na escola. Esse chamado a olhar as construções feitas dentro do ambiente escolar apresentam uma disruptiva da ideia de transmissão, tão comumente atribuída ao sentido da escola. Eles combinaram de transmitir, nós combinamos de construir, e esse combinado torna a pretagogia fundamental para uma educação antirracista.

A pretagogia combina a ressignificação dos territórios curriculares da pedagogia com a valorização dos saberes das corporeidades negras existentes dentro dos processos educativos. A conversa que Bayó faz com Sandra Petit, Geranilde Costa e Silva e Rebecca de Alcântara, autoras do conceito de pretagogia, afirma e firma existências negras a partir de práticas que valorizam os múltiplos modos de existir, modos que configuram as culturas afrodiáspóricas, pois a pedagogia hegemônica presente nas formações para o magistério e também no chão da escola durante as interações com as crianças não contemplam as culturas e existências de matrizes africanas, de modo que tais saberes sejam percebidos e valorizados como eixos civilizatórios. É urgente que tais existências estejam presentes durante os aprendizados das crianças desde a primeira infância, etapa fundante do ser humano e, para tal, precisa estar presente na formação dos profissionais das infâncias. A pretagogia propõe, por isso, o enfrentamento do racismo a partir de experiências positivas e autorais da negritude de forma contínua e cotidiana, fugindo da folclorização que restringe as experiências negras em suas múltiplas possibilidades.

É na multiplicidade de olhares e perspectivas da aldeia, trazida por Bayó a partir do provérbio nigeriano que diz que “é necessário uma aldeia inteira para educar uma criança”, que as crianças encontram possíveis para romper com a hegemonia epistemológica euro centrada, centrada na universalização. A aldeia amplia modos de ser, fazer e nomear e rompe com a lógica ocidental de hierarquizar, uma vez que é na aldeia que as crianças aprendem com o próprio corpo que a diversidade pode ser celebrada e não hierarquizada. É na materialidade do cuidar que se apresenta de modo singular a cada pessoa que a criança cria seu repertório de possíveis.

Geisa Das Neves Giraldez

PRETAGOGIAS: EDUCAÇÃO INFANTIL ANTIRRACISTA

ELLY BAYÓ

Nossa semente é forte
E se bem regada ela for
Engana até mesmo a morte
Quando toca o seu tambor
(Dica L. Marx, 2020)

Como educadora das infâncias atuante na rede pública há quase trinta anos, percebo frequentemente a importância das nossas construções e reconstruções docentes diárias. Num cenário onde as sociedades ocidentais transformaram a escola em ferramenta de transmissão, eu, educadora, carrego comigo uma herança ancestral outra, já que em nossos processos de subjetivação retomamos o diálogo com nossos saberes ancestrais, saberes que são a possibilidade de ruptura com as violências cotidianas que atravessam nossa vivência-existência diante das rotinas da instituição formal escola e sua práxis. Percebo a pedagogia não como mera teoria, mas fundamentalmente como ação que não é programação e não é neutra, refletindo essa pedagogia na visão do mundo que se apresenta em corporeidade e propondo Pretagogias.

A Pretagogia é um referencial teórico metodológico de ressignificação dos territórios curriculares, da pedagogia e da escola a partir da legitimação e da reconstrução de epistemes, narrativas e cosmologias presentes nas corporeidades negras dentro dos processos educativos, num movimento de se firmar e afirmar existências. A professora Sandra Haydée Petit cunhou, juntamente com as professoras Geranilde Costa e Silva e Rebeca de Alcântara Silva Meijer, o conceito de Pretagogia por volta de 2010, num processo de formação de professoras que questionava a eurocentricidade da pedagogia. Assim, passou a utilizar o termo em sua produção acadêmica que discorre sobre educação afrorreferenciada, como o livro Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral

africana na formação de professoras e professores. Segundo Petit, “trata-se de um referencial muito mais proativo do que reativo. Mais do que revelar explicitamente o racismo, pretendemos valorizar e potencializar nossas raízes africanas...” (PETIT, 2015, p. 150).

As culturas afrodiaspóricas se estabelecem em nosso território como potência porque, feitas de símbolos polissêmicos, dialoga, orienta e constitui nossas comunidades, mesmo quando à revelia de opressões e repressões sociais. Infâncias em corpas pretas têm direito de serem atravessadas por essas vivências e existências. Na mesma lógica, as infâncias em corpas não pretas precisam se relacionar com essas ciências e culturas nas instituições que as atendem numa fase do desenvolvimento tão fértil para a construção de suas identidades e pertencimentos, evitando, assim, a manutenção institucional do ciclo do racismo em nossa sociedade.

Apesar do previsto na constituição federal de 1988 em seus artigos 5º, 206, 210, 215, 216 e 242 e da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 2003 pela lei 10.639/03, o processo histórico de opressão contra os povos negros estabelecido no Brasil continua sendo fator determinante de práticas no sistema educacional brasileiro, como indica a recente pesquisa do Instituto Géledes em parceria com o Instituto Alana, “Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira”:

> Por fim, mesmo após 20 anos de alteração da LDB, observamos que o desafio dessa transformação ainda está posto em abordagens básicas, quando os resultados da pesquisa apontam que os temas considerados importantes de serem trabalhados (como conteúdos sobre diversidade, cultura alimentar, vestimentas, entre outros) dizem respeito a discussões relevantes, porém podem ser identificados como mais confortáveis, em detrimento de tópicos como hierarquização de povos e saberes, espaços de poder e tomadas de decisão. Ou seja, ainda se escolhe refletir a educação para relações étnico-raciais sem que se pretenda rever a construção e manutenção de privilégios. Escolhas que podem revelar um arcabouço mais amplo para reflexão acerca da percepção de baixo apoio e engajamento para implementação da lei.
> (BENEDITO; CARNEIRO; PORTELLA, 2023, p. 75)

Observa-se aí, barreiras que, se sobrepondo à legislação, reproduzem nos territórios institucionais das infâncias a repressão às manifestações advindas desses saberes, barreiras essas pautadas na suposta superioridade de cosmovisões e filosofias europeias. Sabemos que essa suposta superioridade foi historicamente construída no Brasil a partir do processo de tráfico e escravização de pessoas negras no período colonial e das políticas eugenistas pró-embranquecimento

do país no pós-abolição. Assim, permeando de segregações pedagógicas de cunho racista os vigentes currículos, que afastam a população negra, desde a primeiríssima infância, das narrativas e existências sociais e culturais das matrizes africanas, rouba-se o sentido de pertencimento e comunidade, impondo demandas cartesianas e fragmentações que desconsideram completamente o corpo como território de conhecimento e de produção de saberes.

O contexto torna urgente e necessário um movimento efetivo e afetivo de reconstruções da pedagogia então consolidada, que se formata deslegitimando ou sequer referenciando experiências educacionais africanas, afrodiaspóricas ou afro-brasileiras em seu currículo. Nesse sentido, propomos as pretagogias na educação infantil, buscando uma reconstrução que se dê a partir da incorporação de contextos culturais e históricos dos povos invisibilizados pelos mecanismos do racismo institucional da educação brasileira.

Ante a circunstância em que culturas e existências de matrizes africanas são tratadas como alegoria - um dos grandes equívocos dessa sociedade em crise -, defendemos que nossas culturas não são alegóricas, pois são civilizatórias e vingam como as plantas cultivadas na terra, terra que não nos pertence, mas pertencemos nós a ela em nossos corpos disparadores de memórias que são grafia e geografia a interromper apagamentos.

A pedagogia que se encontra de forma hegemônica tanto na formação básica para o exercício do magistério, quanto nas práticas educativas no chão da escola, precisa inicialmente ser lida e refletida como eurocentrada, traduzido num maquinário vicioso de universalização que gera subalternidades e silenciamentos de sujeitos, tanto em genocídios físicos quanto em epistemicídios. As cosmologias maniqueístas da sociedade burguesa que despedaçam nossa existência cartesianamente para produzir conhecimentos racionais são soberanas nas instituições que recebem nossas crianças, ou seja, no exercício de sua função social, as instituições e sistemas educacionais negam às crianças negras sua plenitude e inteireza.

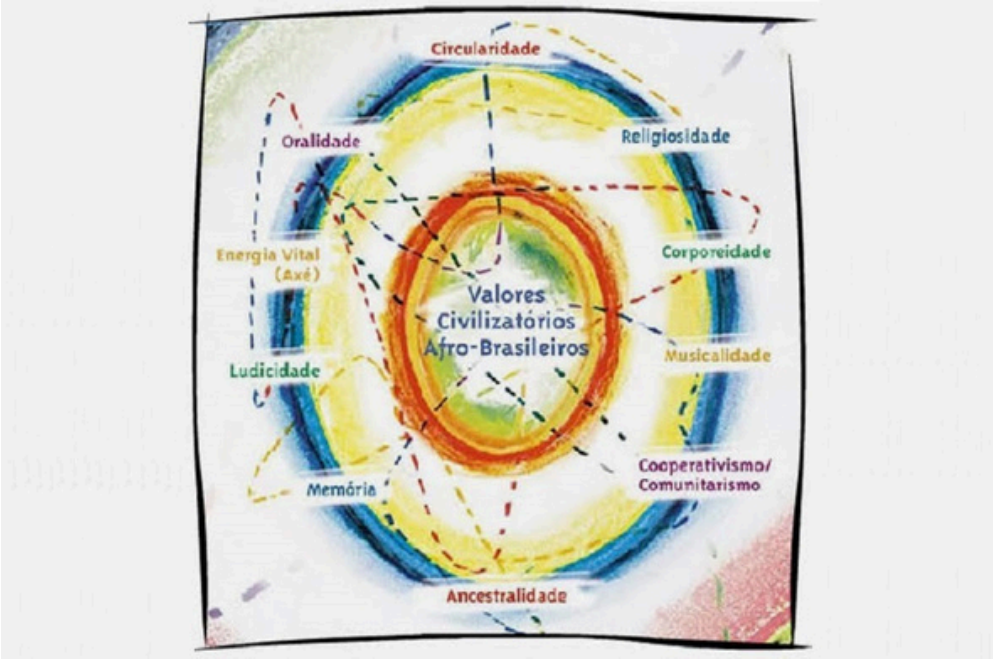
Educativa é a experiência cotidiana entre uma pessoa adulta e uma criança. A pedagogia deve então refletir sobre o que acontece na experiência educativa, sem, porém, levar essas reflexões como ferramenta para criar ilusões de controle. Infelizmente, o vício pedagógico e o imaginário da escola insistem em circunscrever parâmetros de controle desde uma idealização do sistema escolar e uma idealização colonial da criança na instituição. Considerando que essa ciência praxiológica demanda oposição e intervenção cultural, política e social, invocamos e convocamos Zumbi, Dandara, Aquotirene, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Abdias Nascimento, Milton Santos, Beatriz Nascimento, Lelia Gonzalez e tantas outras, tantos outros.

Na perspectiva das Pretagogias as instituições de educação devem ressignificar diariamente em seus campos de experiências as contribuições histórico-culturais dos povos africanos, questionando a suposta neutralidade de livros e outros recursos didático-pedagógicos a fim de fortalecer a identidade, a ancestralidade e o reconhecimento dos processos de resistência afro-brasileira até a atualidade, transcendendo os limites eurocêntricos e descobrindo formas de tocar no imaginário e nas representações diaspóricas pelo encantamento. Com a valorização da expressão das tradições orais que abrangem as dimensões educacionais de nossas matrizes, acionamos ancestralidade e imaginação numa construção coletiva de saberes. Nem exótico, nem evento, mas sim circularidade manifesta a partir dos sujeitos, suas histórias e vivências, ressignificando a escola e seu entorno.

As culturas infantis dão sentido às brincadeiras nos ajustes dos diferentes modos de vida e na construção de enredos que representam repertório comum. Considera-se aqui a ideia de que as crianças constroem culturas enquanto constroem símbolos e materialidades nas interações com os pares, mas não perdemos o fio de que tudo isso se dá a partir dos mundos sociais das pessoas adultas que as circundam, numa espécie de reprodução interpretativa que pode, inclusive, resultar em alterações no mundo social dessas referências adultas. Nesse sentido, pensar o brincar numa perspectiva afrodiaspórica, resultante do assentamento das diversas culturas e linguagens do continente africano em territórios brasileiros, é o mesmo que construir com as crianças (e não “para” as crianças) brincares pluriversais, que partem da dialogicidade com o brincar presente nos cotidianos das instituições para que reflitam, assim, as muitas possibilidades de ruptura com o controle dos corpos infantis.

A propositura deste trabalho docente em diálogo com o território, mas também afeito aos estudos e à pesquisa, é profundamente tocado pela produção intelectual da professora e ativista Azoilda Loretto da Trindade, principalmente com a sistematização dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, que são dimensões da cosmovisão africana vindas para o Brasil na corporeidade, na memória e na oralidade das pessoas sequestradas do continente africano e aqui escravizadas. Essas pessoas, em suas resistências à violência colonial, aqui se reconstruíram, produzindo a cultura afro-brasileira.

Figura 1 - Mapa dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros



Fonte: A cor da Cultura (2004)

No mapa conceitual acima temos os valores civilizatórios afro-brasileiros e suas conexões:

Axé: energia vital que todos os seres vivos carregam na relação com os outros seres;

Oralidade: energia narrativa que, carregada das camadas de nossa existência, comunica e pronuncia;

Circularidade: espaço de gira das relações coletivas que mobiliza partilhas olho no olho com fluência energética. Sem começo, meio e fim. Renovação;

Corporeidade: corpo é território de nossa existência, de nossa reexistência e construção de saberes;

Musicalidade: O tambor fala. A rítmica mobiliza, sensibiliza. Dança e movimento. Cura e expressão das nossas vivências e saberes;

Ludicidade: A experiência que dialoga com nossa existência e pertencimento por meio da alegria e do prazer;

Cooperativismo: relações coletivas que refletem tecnologias ancestrais de comunidade, como os aquilombamentos;

Memória: nosso maior patrimônio, capaz de emergir a presença africana e nosso pertencimento. Construímos e compartilhamos memórias para nossa subsistência;

Ancestralidade: nossa fonte de vida, um fio a tecer em nosso corpo-território o presente com a herança do que nos antecedeu nesse mundo;

Religiosidade: “Não há cultura sem culto”, diz Mateus Aleluia, músico e compositor no quinto episódio do podcast “O canto dos Recuados”, uma definição importante para entendermos a religiosidade na perspectiva dos povos africanos e afro-brasileiros para além do conceito de religião. Religiosidade é a relação das crenças e cosmologias com o cultural e o social.

Assim, vemos que os valores que nos constituem enquanto sujeitos e estão presentes em nosso modo de vida devem perpassar nossas abordagens pedagógicas na busca pela transformação do território num espaço cotidiano de circulação e ressignificação das culturas afro-diaspóricas. Em brincares atravessados por essas matrizes, suas culturas e ancestralidades, retomamos o brincar enquanto pertença, memória e história de nossos territórios e nossas gentes. Mediante infâncias apartadas de território, o que então se propõe é o ato político da decolonização dos corpos infantis afro-diaspóricos nos contextos institucionais, numa perspectiva que compreende os corpos lúdicos e brincantes como revolução e resistência.

Nesse sentido, torna-se urgente o deslocamento do lugar comum ocidental e adultocêntrico da pedagogia que entende a criança como objeto de estudo em perspectivas biologistas estritamente fixas e restritas ao território limitado da instituição escola para o lugar extraordinário da criança como sujeito histórico e de direitos, ator social das encruzilhadas do mundo. Quaisquer instituições concebidas para processar a criança uniforme, como as famílias, as creches, as clínicas e as escolas, acabam por reproduzir a ideia de crianças colonizadas – ideia que refutamos –, alimentando, assim, as perspectivas do senso comum em torno da infância.

O conceito do provérbio nigeriano de que “é preciso toda uma aldeia para educar uma criança” se contrapõe à terceirização reduzida a um serviço educacional prestado e apoia a construção aqui proposta no sentido de que as crianças que vivenciam esse cuidar e observar estendido a uma comunidade – no caso, inclusive uma comunidade profissional – constroem um brincar com maiores possibilidades de livre mobilidade, ampliando suas oportunidades e contrapondo-se ao “controle dos corpos”.

O coletivo se sobrepõe ao individual, e nossas mais velhas e mais velhos “mandam” no sentido de nos orí-entar, enquanto nossos erês carregam o legado ancestral. Sou porque somos e somamos, reorganizando politicamente, em denúncias e pronúncias, o ódio empenhado em nós pela forja colonial imposta a nós no dia a dia.

A criança é tomada de saber, sendo necessário considerar esse saber, renunciando ao ato educativo. Ainda assim, se o mundo social das pessoas adultas negras perpassa pelo silenciamento e epistemicídio, os processos cotidianos que pretendem estabelecer um diálogo entre o antirracismo e a educação devem se propor não apenas à denúncia do racismo estrutural, mas também à pronúncia das infâncias negras enquanto potência epistemológica, provocando uma ruptura com o ciclo de silenciamento de saberes afro-diaspóricos. Infâncias pretas que

ocupam e resistem em cartografias práticas, pontos de vistas e perspectivas mapeadas etnograficamente, apropriando-se de mundos estruturalmente não pensados para elas.

Na fronteira da sociedade, em seus cotidianos e com suas habilidades, crianças negras produzem lugares e territórios, mapeando segregações e traçando cenários e fluxos nos entrelaços das jornadas de vida. Essa infância enquanto existência pronunciada toma expressão nos territórios e requer atenção para suas subjetividades, não apenas para as macroestruturas, invertendo a lógica apontada para o capital, em que as relações de poder estabelecem o adulto enquanto categoria dominante na sociedade.

Considerando a infância enquanto fenômeno social presente em todas as sociedades, ou seja, categoria compulsória e estrutura macro que está posta, se propõe aqui a abertura de outros caminhos e encruzilhadas de microestruturas.

Nessa perspectiva, a Pretagogia deve ser compreendida na ciranda das pedagogias da infância, num movimento de se firmar e afirmar existências negras em encontros intencionais e cotidianos entre escola, comunidade e currículo escolar. O encontro, o reconhecimento e o caminhar diário capazes de fazer romper a hegemonia epistemológica eurocentrada e, consequentemente, avançar com a luta antirracista no ambiente escolar, rompem com a lógica ocidental hierárquica de verticalização e apagamento histórico das contribuições culturais das matrizes africanas.

> "O nascimento de uma criança é percebido como o nascer do sol no mundo superior (ku nseke), o mundo físico ou o mundo da comunidade viva."
> (FU-KIAU, 1991, p. 8)

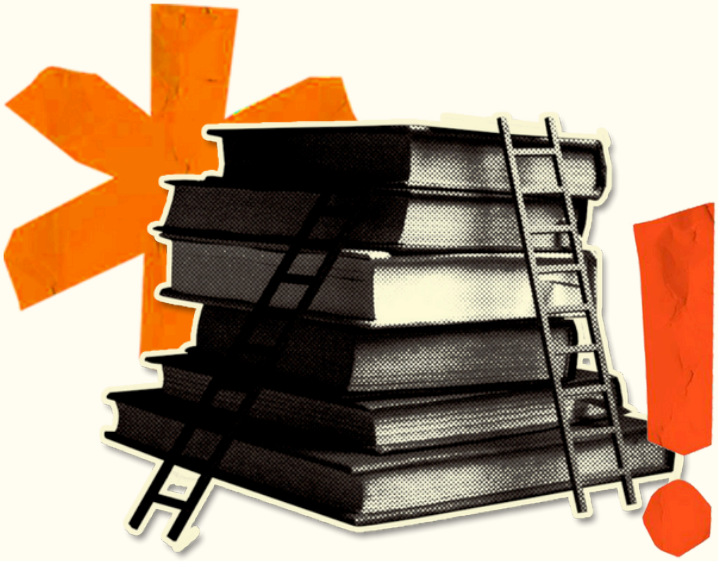
Kia Bunseki Fu Kiau, pesquisador congolês das áreas da antropologia cultural e educação, em sua produção teórica Kindezi: a arte kongo de cuidar de crianças (1991), explica que, na cultura europeia, encarregar-se do desenvolvimento de crianças é tomado como uma atividade insignificante – um trabalho para as pessoas menos importantes da comunidade, enquanto, em sua análise, o kindezi é a maior honra que uma pessoa pode ter em África. Fu Kiau nos traz à tona, a partir de uma análise crítica de nossa sociedade ocidental, que as civilizações africanas são centradas nas crianças. Na cosmologia bantu, ndezi, o cuidador, aquele que pratica a arte da kindezi, ampara a criança, compreendida como muntu ("sol vivo") em seu brilhar, aprendendo ele também, ndezi, a brilhar com o poder do "sol vivo" num ciclo, processo contínuo de acender sóis.

Entende-se, assim, que reconhecer e reafirmar diálogos entre as culturas infantis e as culturas ancestrais afro-diaspóricas apresenta-se como um caminho para avançarmos enquanto civilização. E, por isso, questionamos a administração simbólica da infância e seu conjunto de regras e normas que, apesar de não registradas, se estabelecem na relação de poder e responsabilidade da adultez com a infância.

As crianças desenvolvem um mundo autônomo que não reflete necessariamente o desenvolvimento precoce da cultura adulta, apreendendo modos de vida e se apropriando dos contextos culturais, sociais e históricos nos quais é inserida para criar suas próprias culturas. No contexto da comunidade, com seus saberes e aprenderes, as crianças vão além dessas expectativas, pois fazem e criam, têm agência e protagonismo. Nesse sentido, buscamos uma prática social que supere o discurso e construa entre crianças e adultos uma relação em que a proteção se sobreponha ao controle, em que, embora não seja possível à criança protagonizar o tempo todo, sua agência seja constatável.

Se assumirmos que a margem não nos cabe mais, trazemos à tona as nossas potências e nosso axé, construindo espaços de educação e afeto. Infância-lugar, corpo-território, fontes de riquezas ancestrais, fontes de vida que coletivamente aram o terreno em que plantamos o que nossos erês irão colher. Em circularidade manifesta a partir dos sujeitos, suas histórias e vivências ressignificam e rompem com o silenciamento de tambores, agogôs, ganzás, pandeiros, tamborins. Atabaques, cantos, umbigadas. Jongo! Afoxés, maracatus, bumba meu boi, capoeira, carimbó, maculelê, hip hop: ocupação e reestruturação de ritmos. Precisamos repensar o lugar que as crianças ocupam no imaginário social e refletir sobre o imaginário social das crianças, potencializando as experiências de sua vida cotidiana na relação com saberes ancestrais e na construção de novos saberes.

"Aquelas crianças aprenderam com um de seus ancestrais mais velhos: o tambor. Há coisas que somente um tambor conhece, mas só transmite àqueles que julga prontos para aprender"
(OLIVEIRA, 2004, p. 12)



REFERÊNCIAS

- ALELUIA, Mateus Canto dos Recuados. São Paulo: acesso em https://www.youtube.com/watch?v=suicR_E2cB0

- CARREIRA, Denise; SOUZA, Ana Lúcia Silva. Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola. São Paulo : Ação Educativa, 2013.

- FU-KIAU, K.K.B.; LUKONDO-WAMBA, A.M. Kindezi: A Arte Kongo de Cuidar de Crianças. Traduzido por Mô Maie. Terreiro de Griôs. 2017. Disponível em: https://terreirodegrios.wordpress.com/2019/04/14/kindezi-a-arte-kongo-de-cuidar-de criancas-k-kia-bunseki-fu-ki-au-e-a-m-lukondo-wamba/ Acessado em 08/12/2022.

- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. (Org. Flávia Rios e Márcia Lima) 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2020.

- LANSKY, Sami. Pelas brechas. Em busca de uma etno-grafia numa fronteira urbana, com crianças. ANAIS DO XV ENANPUR, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/340

- NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo. São Paulo: Perspectiva, 2021.

- NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. (org) RATTS, Alex. 1 ed. Rio da Janeiro: Zahar. 2021

- NOGUERA, Renato. Infância Em Afroperspectiva: Articulações Entre Sankofa, Ndaw E Terrixistir. In. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE. Número 31: mai.-out./2019

- ANJOS, JULIANE OLIVIA DOS. As joias de Oxum: as crianças na herança ancestral afro-brasileira. Mestrado em EDUCAÇÃO. São Paulo: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2016

- OLIVEIRA, K. O mar que banha a ilha de Goré. São Paulo: Peirópolis, 2014.

- ÔRÍ. Direção de Rachel Gerber. Rio de Janeiro: Angra filmes, 1989. (93 min).Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1C_IHlFlOlcMMq4onYMupY2N_3ihxXLsX/view?usp=s haring

- PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei n 2 10.639/03.1a ed., Fortaleza: EdUECE, 2015.

- RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. Livro digital. 2019

- SILVA, Vagner Gonçalves da - Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. In: Histórias Afro-atlânticas: Antologia. (Org. Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro e André Mesquita - Ed. Rev.). São Paulo: MASP, 2022.

- SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

- TRINDADE, Azoilda Loretto da. Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. (org. Ana Paula Brandão). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho/MEC, 2010.

CONHEÇA AS AUTORAS:

ELLY BAYÓ

Educadora das infâncias na perspectiva das pretagogias e da educação infantil decolonial.
Mestranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo FEUSP. Vice coordenadora do Fórum Municipal de Educação de Santo André.

GEISA DAS NEVES GIRALDEZ

Geisa das Neves Giraldez - Pedagoga pela PUC-Rio, especialista em Letramentos e práticas educacionais e Docência em Educação Infantil. Mestra em Artes da Uerj, criadora da Guerrilha de Imaginários, Desenhemas e outras práticas pedagógicas. Professora de Educação Básica da SME/RJ.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM DIÁLOGO

Ação Educativa
Rua General Jardim, 660
Cep 01223-010
Vila Buarque, São Paulo, SP- Brasil

Projeto SETA
Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista

São Paulo, 2024